

## EXPERIÊNCIAS DE MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNACIONAL DE UNIVERSITÁRIOS NEGROS BRASILEIROS

LARISSA DA SILVEIRA SOARES<sup>1</sup>; JOSÉ RICARDO KREUTZ<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [s.larissadasilveira@gmail.com](mailto:s.larissadasilveira@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [jrkreutz@gmail.com](mailto:jrkreutz@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A Universidade possui o potencial de promover a mobilidade social de grupos historicamente vulnerabilizados, por meio da educação qualificada (FELTRIN; SANTOS; VELHO, 2021). Com a Lei de Cotas, sancionada em 2012, é possível perceber um aumento no ingresso de perfis mais diversos no ensino superior público (DOS SANTOS; DE CAMARGO, 2022). No entanto, FELTRIN, SANTOS e VELHO (2021), alertam que as desigualdades podem persistir estruturalmente em outras esferas dentro das organizações, como no caso de programas de mobilidade acadêmica internacional nas Universidades.

A mobilidade acadêmica ou também chamada intercâmbio, se caracteriza pela complementação dos estudos em mais de uma Instituição. Essa é uma das maneiras de promover a internacionalização dentro das Instituições de Ensino Superior (AZEVEDO; DUTRA, 2022). Nesse sentido, WELLER e REIS (2022), percebem a internacionalização aliada aos pilares constitutivos da Universidade: Ensino, Pesquisa e Extensão. Denotando, assim, a importância da internacionalização.

A mobilidade acadêmica internacional é definida pela projeção de retorno ao país e à universidade de origem após um período. Dentre as motivações para realizar intercâmbio estão: crescimento pessoal, contato com diferentes culturas e destaque profissional (SILVA-FERREIRA; MARTINS-BORGES; WILLECK, 2019). Contudo, a recepção e acolhimento que esses estudantes poderão receber no país de destino, pode adquirir diferentes nuances, de acordo com o local de origem e as características étnico/raciais. Conforme AZEVEDO; DUTRA (2022), o preconceito racial pode ser um fator de risco para estudantes internacionais. Em razão disso, justifica-se um estudo voltado para jovens negros em experiências intercambistas em outro país. O CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (2017), simultaneamente alerta para a escassez de produção científica na Psicologia brasileira relacionada à população negra junto a processos de imigração.

Com base nisso, o objetivo do estudo visa compreender experiência perante a vivência: ser estudante negro brasileiro de graduação e ter realizado mobilidade acadêmica internacional. Para tal, a pesquisa aborda as vivências pré-intercâmbio, fontes de apoio e desafios durante o intercâmbio e por fim, reflexões dos estudantes sobre o seu retorno ao Brasil.

### 2. METODOLOGIA

Em função de buscar as motivações e os sentidos contidos nos discursos (MINAYO, 2011), o estudo seguiu o viés epistemológico qualitativo, transversal e exploratório. Como delineamento, optou-se pelo estudo de casos múltiplos. A pesquisa está ancorada em referenciais psicanalíticos que consideram que a linguagem em suas múltiplas formas, permite a expressão dos sujeitos (NETO, 1991). Bem como, a narrativa de pessoas negras acerca de si mesmas como um ato emancipatório (SOUZA, 2021).

Dessa forma, inicialmente, foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema, na construção do Projeto de Pesquisa. Após a aprovação no Comitê de Ética, foi feita a divulgação do estudo para os Centros de Coordenação Internacional de Universidades Federais, com ao menos 1 e-mail endereçado para uma Universidade Federal de cada Estado.

A seleção dos participantes foi intencional, não-probabilística. Onde os critérios de inclusão para a participação neste estudo foram: 1) Ter realizado mobilidade acadêmica internacional, por pelo menos 1 semestre; 2) Estar realizando ou ter concluído a graduação na Rede Pública de Ensino Superior Brasileira; 3) Ser autodeclarado negro; 4) Ser brasileiro e ter 18 anos ou mais.

Participaram do estudo 7 estudantes universitários de 6 universidades públicas brasileiras. Para garantir o anonimato dos entrevistados, iremos nos referir a eles com a letra E, de estudante, e com os números de 1 a 7, atribuídos conforme a ordem de realização das entrevistas. No quadro abaixo, vemos a síntese das características dos participantes do estudo:

Participante	Idade	Sexo	Área	País de mobilidade acadêmica	Região de origem no Brasil
E1	27	Feminino	Biológicas	Portugal	Nordeste
E2	21	Masculino	Tecnologia	Portugal	Sudeste
E3	26	Masculino	Engenharias	Itália e México	Sul
E4	30	Masculino	Humanas	Portugal	Nordeste
E5	26	Feminino	Saúde	Portugal	Sul
E6	28	Masculino	Exatas	Colômbia	Sul
E7	27	Feminino	Engenharias	Portugal e Holanda	Sul

Figura 1: Síntese das características sociodemográficas de cada participante.

A coleta de dados ocorreu individualmente com cada entrevistado, em horário previamente combinado, que duraram em média 40 minutos. A análise dos resultados foi feita através da técnica de análise de conteúdo.

Além de informações sociodemográficas foi elaborado um roteiro para a entrevista com as questões: Você é o primeiro da sua família nuclear (entre pais e irmãos) a cursar um Ensino Superior Público? Como foi a entrada nesse ambiente, quais as sensações? Você sentiu algum receio em relação a ter que lidar com a questão racial durante o processo de intercâmbio? Você pode comentar sobre elementos que auxiliaram e possíveis dificuldades durante o intercâmbio?

E, por fim: Você sentiu alguma diferença em si mesmo após a mobilidade acadêmica? Como foi voltar para seu local de origem? Qual o significado que a mobilidade acadêmica teve ou ainda possui para você? Qual a representatividade que realizar um intercâmbio possui para a sua família ou outras pessoas? O que você gostaria de dizer a outros jovens negros que estão em busca de realizar um intercâmbio ou para você mesmo que foi para o intercâmbio?

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das entrevistas realizadas foram identificadas três categorias de análise. Sendo a primeira, referente às vivências pré-intercâmbio. Nesse âmbito

percebemos que 4, dos 7 estudantes entrevistados mencionaram que são a primeira geração da família a ingressar no ensino superior. Os outros 3 estudantes, comentaram que os pais possuíam ensino superior, mas que cursaram de forma privada, sendo assim, ainda são os primeiros a ingressar no ensino superior público.

Historicamente, o ensino superior foi frequentado especialmente por jovens que possuíam famílias que asseguravam a sua estabilidade financeira, conferindo-lhes tempo para dedicarem-se aos estudos (FELTRIN; SANTOS; VELHO, 2021). No entanto, além da questão econômica, para a população negra há em seu passado um processo de escravidão. Assim, foi um povo que foi destituído de suas terras, bem como de suas relações de afeto durante a colonização (MUNANGA, 2019). Em função disso, ainda hoje, vemos famílias negras em que os jovens são a primeira ou a segunda geração a acessar o ensino superior.

A seção 2 de análise, discute os amparos e desafios encontrados no intercâmbio. Nesse sentido, os amparos e apoios encontrados foram: alianças interpessoais; características pessoais como potências; fé e religiosidade como resistência e cuidado. Em relação aos desafios, os estudantes apontaram: as questões financeiras e o desamparo sentido em relação à universidade de origem; entraves linguísticos e o racismo vivenciado.

Cada estudante carrega consigo a sua singularidade que irá se encontrar com as especificidades do país de destino. Assim, os apoios e desafios encontrados podem ser diversos entre os estudantes. Porém em FERREIRA e BORGES (2022) encontramos que o intercâmbio, não é um processo apenas individual e subjetivo, nele também interferem características históricas, tal como processos de colonização e dinâmicas de exclusão e inclusão sociais. Assim, então, os sete entrevistados possuem entre si o elo de ligação da experiência de ser negro, em um outro país, como estudante intercambista.

Na seção 3, foram analisadas as reflexões sobre o pós-intercâmbio dos estudantes. Dessa forma, todos os estudantes comentaram que sentiram diferenças em si mesmo depois da mobilidade acadêmica internacional. Para a psicanálise, os sujeitos estão sempre em transformação, não são estáticos (QUEIROZ, 2023). Além disso, os entrevistados atribuíram a experiência de intercâmbio significados como: amadurecimento, aumento de independência e autoconfiança.

PÉRICO e GONÇALVES (2018), consoante com esse resultado afirmam que a experiência de intercâmbio, vai além da possibilidade de desenvolvimento profissional, contribuindo para mudanças no âmbito pessoal. Essa construção de si, mais preparada para lidar com diversas culturas, demandas e desafios colabora para uma valorização pessoal destes estudantes, que é muito necessária, visto que em nossa sociedade muitas vezes, os referenciais de belo, culto e desejável se referem em grande maioria a referenciais de pessoas brancas (SOUZA, 2021).

#### **4. CONCLUSÕES**

Em última análise, uma experiência de mobilidade acadêmica internacional, pode ser benéfica para estudantes independente da condição socioeconômica ou de características étnico/raciais. Os estudantes apontaram muitos ganhos com a experiência. Entretanto, neste estudo, foi possível perceber que embora dificuldades econômicas foram apontadas, mesmo com o recebimento de bolsas, a questão racial, esteve intrinsecamente ligada nos relatos. Em razão disso, justifica-se a importância de um estudo voltado para

jovens negros intercambistas. Dessa forma também, é uma maneira de dar visibilidade a essas histórias, no intuito de inspirar outras pessoas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, L. F.; DUTRA, R. C. A. Cosmopolitismo, Práticas de Mobilidade e Juventude: A experiência do intercâmbio acadêmico entre universitários brasileiros. **Sociologia & Antropologia**, v. 12, n. 1, p. 187-210, 2022. Acesso em 02 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2238-38752022v12i17>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogos/os. 2017.

DOS SANTOS, D. S. S.; DE CAMARGO, C. L. Estágio de Doutorado-sanduíche de uma aluna negra: relato de experiência das ações extensionistas. **Extensão Tecnológica: Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense**, v. 9, n. 18, p. 26-34, 2022. Acesso em 07 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.21166/rext.v9i18.2738>

FERREIRA, A. V. S.; BORGES. Metamorfoses interculturais: o impacto da imigração na saúde mental de imigrantes universitários latino-americanos. **Educação em Revista**, v. 38, p. e25665, 2022. Acesso em 02 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-469825665>

FELTRIN, R. B.; SANTOS, D. F.; VELHO, L. M. L. S. O papel do Ciência Sem Fronteiras na inclusão social: análise interseccional do perfil dos beneficiários do programa na Unicamp. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 26, n. 01, p. 288-314, 2021. Acesso em 07 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772021000100016>

MINAYO, M. C. S. . O desafio da pesquisa social (2011). In: Minayo, M. C. S., Deslandes, S. F., & Gomes, R. (2011). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes Limitada.

MUNANGA, K. **Negritude-Nova Edição: Usos e sentidos**. Autêntica Editora, 2019.

PÉRICO, F. G.; GONÇALVES, R. B. Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação. **Educação e Pesquisa**, v. 44, p. e182699, 2018. Acesso em 05 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201844182699>

QUEIROZ, A. S. A Questão da Identidade: Uma Articulação entre Psicanálise e Estudos Decoloniais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p. 1384-1404, 2023. Acesso em 05 out. 2024. Disponível em: [doi:10.12957/epp.2023.80198](https://doi.org/10.12957/epp.2023.80198)

SOUZA, N. S. **Tornar-se negro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

SILVA-FERREIRA, A. V.; MARTINS-BORGES, L.; WILLECKE, T. G. Internacionalização do ensino superior e os impactos da imigração na saúde mental de estudantes internacionais. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 24, n. 03, p. 594-614, 2019. Acesso em 04 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-40772019000300003>

WELLER, W.; REIS, J. Mobilidade estudantil de universitários oriundos do ensino médio público: experiências com o programa Ciência sem Fronteiras. **Pro-Posições**, v. 33, p. e20210062, 2022. Acesso em 05 out. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2021-0062>